

A condição judaica- você não se livra dela (p.9)

Em *A nossa frágil condição humana - Crônicas judaicas*, estão reunidas 68 Crônicas de Moacyr Scliar (org. e prefácio de Regina Zilberman), publicadas entre 1977 e 2010, destinadas ao Jornal de Porto Alegre *Zero Hora*, com o qual o autor colaborou desde a primeira metade dos anos 1970 até a morte, somando mais de cinco mil crônicas. Esse terceiro volume de crônicas resulta do que o autor define como “o olhar do judeu”, aquele que, em suas palavras, “vê o que os outros não vêem”, pressupondo uma condição judaica, isto é, um modo como o judeu se define e é definido na diáspora e em Israel, sendo esse foco o objeto de minha apresentação.

Fruto do jornal, a crônica é um gênero literário que se caracteriza por estar perto do dia a dia, seja nos temas ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo. Mais do que isso, surge inesperadamente como um instante de alívio para o leitor fatigado com a frieza da pretendida objetividade jornalística.

De extensão limitada, essa pausa se caracteriza por se voltar contra as tendências fundamentais do meio em que aparece - o jornal. Se a notícia, tradicionalmente, deve ser objetiva e impessoal, a crônica é, assumidamente, subjetiva. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica pode ser impressionista, digressiva, lírica e, às vezes, irônica. Se o jornalista deve ser metódico e claro, o cronista, pode conduzir o leitor sem que este perceba, movido, aparentemente, pelo método menos metódico que existe: o do assunto puxa assunto.

A crônica não é, portanto, apenas filha do jornal. Ela é também o antídoto que o próprio jornal produz para garantir sua variedade e leitura.

As escolhas temáticas das crônicas de Scliar variam, vão da política à literatura

e os países alvo de seu campo analítico são o Brasil e o estado de Israel. Além de tratar do convívio árabe-israelense que precisa, segundo ele, ser reconstruído permanentemente, o autor aborda núcleos temáticos como a situação da literatura hebraica contemporânea, a ética judaica fundada na justiça e no equilíbrio, a representação do Holocausto e seus horrores, entre outros temas.

No que tange à literatura hebraica contemporânea o autor destaca os conjuntos de ensaios: “Holocausto e Literatura” (pp.168-172), “Mensagem de esperança” (173-174) entre outros, além de três autores que escreveram sobre o tema em Israel: Aharon Appelfeld, David Grossman, A.B.Yehoshua; nesta seleção, Amós Oz e o poeta Yehuda Amichai não foram incluídos, por não terem sido encontrados para as entrevistas.

Moacyr Scliar destaca na crônica o caso de David Grossman, escritor e jornalista encarregado por uma revista de fazer uma série de entrevistas sobre os territórios ocupados. As entrevistas resultaram no livro *O vento amarelo* que, publicado em 1987, causou imediatamente comoção em Israel e outros países. O título alude a uma lenda árabe, segundo a qual um “vento amarelo” soprará do deserto calcinando os inimigos do Islã.(p.101)

Grossman descreve a sombria situação em que viviam os palestinos, dependentes de Israel para conseguir trabalho e abominando a ocupação. É complicado ser israelense e ter que lidar com uma história com a qual individualmente não se concorda. Por outro lado, o judaísmo que se desenvolve a partir daí pode trazer um horizonte de conflitos, sempre que se atribui alguma razão ao inimigo.

O trabalho de Grossman despertou furiosas reações, a ponto de o então primeiro ministro, Yitzhak Shamir, acusá-lo de distorcer os fatos e de fazer o jogo dos inimigos de Israel. Mas o escritor tinha razão avalia Scliar. Três meses depois iniciava a intifada, o levante palestino nos territórios, que acabou levando, ainda que de forma indireta, às conversações de paz. Grossman funcionou como um profeta, no caso.

Amós Oz é outro escritor que batalha pela paz no Oriente Médio, objeto da

crônica de Scliar. Vivendo em Israel e tendo passado pela experiência kibutziana, a ficção de Amós Oz também põe ênfase na necessidade de convívio pacífico entre judeus e árabes:

“Dois povos teimosos (judeus e palestinos), dois povos conhecedores do sofrimento e da perseguição, dois povos que mostraram, através de uma luta de gerações, que são capazes de determinação e também de devoção – esses dois povos agora têm a chance de usar essas qualidades na construção de uma casa semi - separada. /.../ Existe um longo caminho a percorrer, um caminho cheio de fúria e desapontamento, mas pode-se ver ao longe as primeiras, e hesitantes, luzes da paz.”
(p.102)

Um terceiro escritor incluído na mesma crônica de Scliar é Aharon Appelfeld. Europeu, sobrevivente do Holocausto, Appelfeld chegou ainda criança a Israel e escreve muito sobre o extermínio do povo judeu, o Holocausto, além de outros temas locais.

É interessante observar a diferença entre judeus israelenses e judeus diaspóricos frente ao Sionismo. Os que já vivem em Israel, os sabras, posicionam-se pelo simples fato de viver no país; eles defendem o Estado e a defesa é sua forma de se manterem Sionistas. Já os judeus diaspóricos são nativos de outros países e têm um vínculo com Israel; para eles importa que haja paz no país, mas também que o lugar em que vivem e onde nasceram não seja inóspito aos judeus.

Essa dupla pertença projeta modos distintos de posicionamento frente ao ser judeu. É interessante, a propósito, mencionar um trecho do poema “Turistas” de Yehuda Amichai, em que há uma visão crítica do israelense em relação ao judeu-turista em Israel:

Eles estão aqui para visitas de condolências; é o que fazem,
Sentados no Memorial do Holocausto, fazendo (com) cara séria
No Muro das Lamentações,
Mas rindo atrás das pesadas cortinas dos quartos de hotel.

O poema prossegue com uma narrativa:

“Uma vez eu estava sentado nos degraus perto da Cidadela de Davi com dois pesados cestos a meu lado. Um grupo de turistas estava ali, ao redor de seu guia, e eu tornei-me um ponto de referência.: “Vêem aquele homem com os cestos? Um pouco à direita de sua cabeça há um arco do período romano”. E eu disse a mim mesmo: a redenção virá quando alguém disser a eles: “Vêem aquele arco do período romano? Ele não tem nenhuma importância, mas perto dele está um homem que acabou de comprar frutas e verduras para sua família.” (pp.103-104).

Gostaria, ainda, de mencionar, à guisa de fecho, uma passagem da crônica “Uma cálida noite de outono de 48” (datada de 30/04/1998), em que Scliar lembra de si mesmo, um garoto que caminhava por alguma rua do bairro do Bom Fim, quando se dá conta que as pessoas estavam celebrando. Por que celebravam? Só no dia seguinte ele ficou sabendo: o Estado de Israel havia sido proclamado. Ele viu como o orgulho foi se apossando de todos os judeus seus conhecidos, o orgulho, talvez, de uma dignidade recuperada. Mas a guerra havia começado de imediato e o novo Estado parecia desamparado frente a seus poderosos vizinhos. Dia a dia o menino acompanhava o conflito pelo rádio e pelo jornal, destacando sua apreensão com a notícia sobre o envio de armas tchecas a Israel. Não seria contraproducente um apoio comunista? Eis uma questão que, como muitas outras, foi engulida pela História: a guerra terminou, os países comunistas deixaram de apoiar Israel e passaram a atacá-lo, e um dia deixaram de ser comunistas. Israel venceu de novo seus vizinhos em 1967, obteve territórios, mas não a paz, que continua sendo, como era em 1948, o grande objetivo a ser alcançado.

O kibutz que, para os mais jovens, significava a materialização da utopia socialista, teve seu apogeu e entrou em crise. Em compensação, a ortodoxia religiosa, que antes era mais um objeto de curiosidade, hoje é força política importante em Israel. O trabalho da terra, visto pelos pioneiros como uma forma de redenção de um

povo anômalo, perdeu em importância para uma indústria ultra sofisticada. O país exporta tecnologia, uma de suas fontes de riqueza.

Cinquenta anos depois, Moacyr Scliar recorda com saudades do garotinho que caminhava pela rua João Telles no dia em que foi proclamado o Estado de Israel. Ele ia para casa. Nessa mesma data, a nação imaginada pelos judeus renasce das cinzas, e deposita-se em um *nós* coletivo, irmanando relações em tudo distintas. Como afirma Benedict Anderson em *Comunidades imaginadas* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.13), as nações se concebem sempre como estruturas de camaradagem horizontal. E é assim que nasce o “nós” coletivo, num laço entre o judaísmo diaspórico e o nacional, relações em tudo distintas. Mas por mais distintas que sejam, elas criam pontos em comum, é o que ressaltam as crônicas de Scliar e sua ficção, em sentido mais amplo.